

Maquina Mortífera 4 :

Diversão e auto-celebração na Hollywood dos anos 90

O diretor de *Máquina Mortífera 4*, Richard Donner, chamou a atenção do público pela primeira vez com o mega-sucesso *Superman*; em 1978. Contando a estória do Homem de Aço, ele provou para Hollywood o seu talento como entretainer; e sua capacidade de produzir milhões de dólares dirigindo filmes com diversão garantida para o público jovem. Como a maioria dos diretores da indústria cinematográfica americana atual, Donner não possui grande personalidade e seus filmes são bastante irregulares.

Durante a década de 80 dirigiu, além da série *Máquina Mortífera*, pérolas do entretenimento infanto-juvenil, como *Ladyhawk*; - fábula ambientada na Idade Média sobre uma maldição que impedia o encontro de dois amantes - e *Goonies*; - estória de uma caça ao tesouro protagonizada por jovens de idades entre 10 e 17 anos, com direito a gangsters e piratas.

A série *Maquina Mortífera*; segue o estilo de seu criador: é entretenimento em seu estado mais puro e inconseqüente, sendo um dos grandes exemplos da produção hollywoodiana do final da década de 80 e começo de 90. E é justamente isto que torna a análise de *Máquina Mortífera 4* interessante.

Máquina Mortífera 1 renovou o gênero policial ao humanizar seus heróis. Diferente dos personagens protagonizados por Clint Eastwood e Charles Bronson no fim da década de 70 e início de 80, em séries como *Dirty Harry* e *Desejo de Matar*, Martin Riggs e principalmente Roger Murtaugh (protagonistas de toda a série *Máquina Mortífera*) possuem vida pessoal, família, amigos, conversam sobre a vida, bebem cerveja, preocupam-se com a idade, com a educação dos filhos, apaixonam-se e fazem brincadeiras. Em outras palavras são seres humanos mais próximos da realidade cotidiana que os psicopatas frios e obcecados de Bronson e Eastwood. Esta mudança causou um efeito imediato nos filmes que o seguiram, e até o início da década de 90 os filmes de ação foram dominados por heróis com fraquezas, bem humorados, com uma série de problemas pessoais complicando ainda mais a sua tarefa de ajudar

o mundo. São exemplos disso a série *Duro de Matar*; *Tango e Cash*, *O Último Grande Herói*, *Demolition Man*, *Hudson Hawk*, etc....

Uma nova mudança no gênero ocorreu em meados da década de 90 com *Velocidade Máxima*. Este filme de Jan de Bon, radicalizou a fórmula ação ininterrupta, personagens estereotipados, roteiros esquemáticos, chegando quase a eliminar o roteiro e os personagens. A estória do filme foi reduzida a seus elementos mínimos, evidenciando a estrutura do filme (a própria premissa do filme é verbalizada quando o vilão diz ao mocinho : "Problema: você está em um ônibus em movimento; se ele diminuir a velocidade ele explode; o que você faz?") e os personagens tornam-se completamente planos, sendo reduzidos a ícones (o herói, o vilão, a mocinha) que quase impossibilitam a identificação do espectador com os protagonistas. Além disso *Velocidade Máxima*, juntamente com *Twister*, deu início à série de filmes-catástrofe que se tornaram o grande filão da indústria nos últimos anos. Filmes como *Volcano*, *O Inferno de Dante*, *Godzilla*, *Armageddon* e *Impacto Profundo* tornaram-se as bandeiras de frente dos grandes estúdios, todos seguindo a fórmula apresentada por *Velocidade Máxima*.

Neste contexto, *Máquina Mortífera* surge para revitalizar o gênero policial, abafado pela onda de efeitos especiais mirabolantes trazida pelos filmes-catástrofes dos últimos 4 anos, adaptando a série *Máquina Mortífera* para esta nova fórmula proposta por Hollywood e, ao mesmo tempo, rendendo uma homenagem tanto à própria série quanto à equipe central responsável pela mesma, impondo (ou, quem sabe, apenas constatando) a sua presença enquanto cultura global (em um nível próximo àquele em que se encontram *Mickey Mouse* e *Star Wars*).

A estrutura concebida para o filme amplia a tendência à comicidade desenvolvida pela série nos outros três filmes, tornando-o mais uma comédia que um filme de ação. Esta modificação é conciliada com a nova fórmula do "cinemão" hollywoodiano, através da desvalorização da estória do filme em relação às cenas que a compõe. Assim como nos filmes-catástrofes dos últimos anos, a estória perde valor e torna-se apenas um suporte para cenas espetaculares. O diferencial de *Máquina Mortífera 4*, e o que o torna mais divertido e interessante que os dinossauros e vulcões digitalizados, é o fato destas cenas serem pautadas por piadas e tiradas cômicas bem construídas, ao invés de efeitos especiais. Outra regra apontada por Hollywood nos últimos anos e seguida à risca por este filme é



a fusão de gêneros com intuito de aumentar o público. Desta forma, *Máquina Mortífera 4* mistura o gênero policial com comédia e artes marciais, buscando ampliar o leque de atrações oferecidas ao público.

Ao mesmo tempo que realiza estas modificações para se adequar ao cinema do fim da década, *Máquina Mortífera 4* mantém algumas das linhas narrativas centrais da série (o desenvolvimento do relacionamento entre Riggs e Murtaugh, o relacionamento de ambos com seus superiores, o envelhecimento dos mesmos, e o crescimento dos filhos de Murtaugh), preservando a integridade, e consequentemente a continuidade da mesma. Além disso, *Máquina Mortífera 4* realiza uma auto-celebração ao brincar com as convenções, estilo, e personagens que criou, convidando o espectador a divertir-se numa grande festa em que todos os personagens principais dos outros três filmes, e mais alguns novos, brincam pelas ruas de Los Angeles com uma inconsequência possível apenas para crianças e heróis de filmes de ação. O último - e talvez maior - trunfo deste filme para conquistar o espectador é envolvê-lo neste circo e convencê-lo de que ele é membro da "grande família Máquina Mortífera" onde sempre poderá encontrar diversão (por um preço módico, é claro).

Mas é preciso reconhecer que a diversão é de boa qualidade. Há tempos que Hollywood não produzia um filme tão leve e fluente. E mesmo que culturalmente *Máquina Mortífera 4* venha a reafirmar o nosso estado de completa colonização, é difícil não se deixar levar pela celebração da amizade e pela diversão inconseqüente que nos é vendida por Richard Donner. Pelo menos, podemos sair satisfeitos do cinema, com a sensação de ter recebido tudo aquilo pelo que pagamos na bilheteria (algo difícil de acontecer com a maioria dos blockbusters que Hollywood nos empurra goela abaixo).

Maurício Hirata F. - estudante de cinema,
fotógrafo do curta-metragem "Walking Around"